



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TATIANE ROCHA DIAS

**DE LUGAR QUE "NÃO TINHA NADA" A UM JARDIM DE HISTÓRIAS: A
FORMAÇÃO DO BAIRRO JARDIM MORADA DO SOL NA PERSPECTIVA DE
SUAS(SEUS) MORADORAS(ES) (INDAIATUBA/SP, 1970-1990)**

ERECHIM

2021

TATIANE ROCHA DIAS

**DE LUGAR QUE "NÃO TINHA NADA" A UM JARDIM DE HISTÓRIAS: A
FORMAÇÃO DO BAIRRO JARDIM MORADA DO SOL NA PERSPECTIVA DE
SUAS(SEUS) MORADORAS(ES) (INDAIATUBA/SP, 1970-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção
do título de licenciada em história.

Orientadora: Profª Dra. Débora Clasen de Paula

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Dias, Tatiane Rocha
DE LUGAR QUE "NÃO TINHA NADA" A UM JARDIM DE
HISTÓRIAS: A FORMAÇÃO DO BAIRRO JARDIM MORADA DO SOL NA
PERSPECTIVA DE SUAS (SEUS) MORADORAS (ES) (INDAIATUBA/SP,
1970-1990) / Tatiane Rocha Dias. -- 2021.
50 f.:il.

Orientadora: Professora Doutora Débora Clasen de
Paula

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. Migração. 2. Jardim Morada do Sol. 3. Indaiatuba.
I. Paula, Débora Clasen de, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

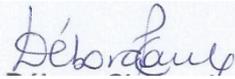
TATIANE ROCHA DIAS

**DE LUGAR QUE "NÃO TINHA NADA" A UM JARDIM DE HISTÓRIAS: A
FORMAÇÃO DO BAIRRO JARDIM MORADA DO SOL NA PERSPECTIVA DE
SUAS(SEUS) MORADORAS(ES) (INDAIATUBA/SP, 1970-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS), como requisito para obtenção do
título de licenciada em história.

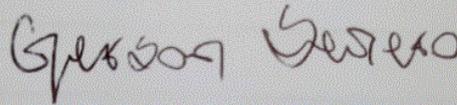
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em: 20/05/2021..

BANCA EXAMINADORA



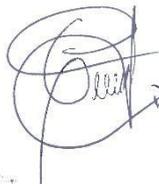
Prof^ª. Dra. Débora Clasen de Paula - UFFS

Orientadora



Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo - UFFS

Avaliador



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga - UFFS

Avaliador

Página de dedicatória

a todas e todos que viveram ou ainda vivem na MDS

Agradecimentos

Antes de mais nada, as pessoas mais importantes em todo o meu processo de aprendizagem na vida são meus familiares. Minha mãe e meu pai, que ambos não chegaram ao ensino superior, sendo que um deles nem mesmo terminou o ensino fundamental, mas sempre, sempre me motivaram nos estudos e faziam o possível para garantir que eu pudesse ter acesso ao conhecimento, seja lá qual fosse a distância entre minha casa e a escola ou instituição. Óbvio que não vou me esquecer da minha mana Michele, que sempre me deu muito apoio e sempre acreditou que eu era capaz. Obrigada por tudo. Amo vocês.

Também quero lembrar que a Mariana e o Phillipe me deram uma grande oportunidade no Mundo ENEM e me incentivaram nas aulas que eu mais tinha dificuldades. Obrigada professora Érika pela frase: “Eu me sentiria muito egoísta por aprender algo e não passar adiante”. Eis que vim parar na licenciatura. A Aichi e a Silmara me mostraram que quem cresceu no Jardim Morada do Sol podia sim estudar em uma Universidade Pública. Obrigada professor Dinerval, por ter dado a base do que eu sabia sobre História.

Tamires, Paola e Érica, mostraram que, mesmo distante, a amizade verdadeira se mantém, e isso ajudou a manter minha sanidade mental. Amo tanto vocês. Obrigada Eliezer, Betabara, Rhuane, Patrícia, Liah, Rafa, Jeni, Dani por estarem comigo em tantos momentos bons e ruins, por serem as pessoas mais incríveis que a Universidade poderia me apresentar e por me proporcionarem tanto conhecimento. Amo vocês.

Obrigada Professora Isabel Gritti por se preocupar tanto, por me acompanhar até o hospital quando precisei, pelas caronas até a universidade, por tudo. Obrigada também pela oportunidade que você e o professor Mairon me deram de entrar no PIBID e Residência Pedagógica e pôr em prática o que eu aprendi na graduação. Obrigada às professoras e professores que me receberam tão bem nos colégios Irany, São Vicente e Haidée.

Obrigada Professor Gerson Fraga e Professora Débora por me aceitarem no Laboratório de História Oral e me proporcionarem tantos conhecimentos, experiências e caronas. O aceite de vocês foi fundamental para que eu pudesse me preparar para o momento do tão esperado TCC. Débora, em especial, meu agradecimento por aceitar logo de cara a ser minha orientadora, por acreditar que eu iria conseguir a tempo, quando nem eu achava que daria, por ser amiga, pelos momentos de chimarrão, pelas aulas, por todo o conhecimento, por ter transformado a viagem ao Rio de Janeiro numa aula magnífica e por ser uma das professoras mais incríveis dessa universidade. Obrigada professor Gerson Severo, por ter sido compreensivo comigo nas disciplinas que fiz durante momentos de dificuldade (talvez você nem soubesse) e por acreditar que eu conseguiria. Os agradecimentos aqui se estendem a todas e todos que um dia foram minhas(meus) professoras(es).

Obrigada Dani por ter aguentado firme os meus momentos de estresse nessa reta final, por se propor a meditar comigo, por mostrar que a vida pode ser boa apesar de tudo, por confiar em mim e na minha capacidade de escrever, por me motivar a ser curiosa, me incentivar a ir em frente, pela parceria e por ler e reler meu trabalho quando eu precisava.

Obrigada as queridas psicólogas, principalmente a Giovana Nonemacher e Verônica Sabrina.

Para encerrar, finalmente, agradeço também as(os) funcionárias(os), estagiárias(os) e técnicas(os) da UFFS, do Arquivo Público de Indaiatuba e da Biblioteca Municipal de Indaiatuba e, mais uma vez, à minha mãe, que agendou minha primeira entrevista com sua colega, a Dona Dilma, ao Hélio Ribeiro, por fazer a “ponte” entre eu e o Seu Pedro, e a Taila, por facilitar meu contato com a avó, Dona Ana, além de me ajudar durante a entrevista.

MINHA MORADA¹

Quando em ti eu andava descalço
Corria na rua, brincava no barro
Feliz eu crescia e do mundo eu entendi
Morada da luz e de gente singela
De ruas de terra
Enumeradas, simétricas
Foi em ti que aprendi a...
Brincar, viver e amar;
Nos terrenos baldios, as hortas cresciam
E o alimento sagrado,
No papel embrulhado
O vendeiro vendia e no caderno escrevia.
Tenho empáfia de ti morada minha
Que a braços abertos;
Acolheu minha gente
Que de batente em batente
Germinou a semente
Enquanto eu crescia, você expandia
Outra cidade, dentro desta cidade
Onde habita o astro que...
Com seu esplendor
Ilumina Indaiatuba, traz paz e amor
Suas ruas não são mais de terra
Mas não deixaram de ser eternas
Morada do sol, das estrelas e da lua
Espero um dia...
Poder a todos contar
Que... Na minha morada
Aprendi a amar
De onde eu vim, não vou me esquecer
Minha morada...
Devo muito a você!
(SANTOS, 2008, p.286).

¹ SANTOS, Patrícia Torres dos. Minha Morada. In: FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE INDAIATUBA. Um olhar sobre Indaiatuba. Itu: Ottoni Editora, 2008.

RESUMO

Este trabalho tem como tema principal a migração de paranaenses, baianos(os) e mineiros(os) para o bairro Jardim Morada do Sol, no município de Indaiatuba, São Paulo. O objetivo é investigar o que motivou o processo migratório desses grupos, entre os anos de 1970 e 1990. As hipóteses são de que o bairro Jardim Morada do Sol foi escolhido pelo baixo custo dos terrenos e/ou por se tratar de um bairro próximo ao Distrito Industrial. Para realizar a pesquisa, utilizou-se a metodologia da história oral e a consulta a livros e artigos que contêm a historiografia, bem como outros estudos realizados sobre o município de Indaiatuba e sua região de abrangência. Os resultados mostraram que o município dispunha de grande quantidade de empregos no período estudado, sendo atrativo para a imigração.

Palavras-chave: Migração. Jardim Morada do Sol. Indaiatuba.

RESUMEN

El tema principal de este trabajo es la migración de personas de Paraná, Bahía y Minas Gerais al barrio de Jardim Morada do Sol, en el municipio de Indaiatuba, São Paulo. El objetivo es investigar qué motivó el proceso migratorio de estos grupos, entre los años 1970 y 1990. Las hipótesis son que el barrio Jardim Morada do Sol fue elegido por el bajo costo del terreno y / o por ser un barrio cercano al Distrito Industrial. Para realizar la investigación se utilizó la metodología de historia oral y la consulta de libros y artículos que contienen la historiografía, así como otros estudios realizados sobre el municipio de Indaiatuba y su región de cobertura. Los resultados mostraron que el municipio tuvo una gran cantidad de empleos en el período estudiado, siendo atractivo para la inmigración.

Palabras clave: Migración. Jardim Morada do Sol. Indaiatuba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Tabela - Dados da/o(s) entrevistada/o(s)	11
Mapa 1 - Indaiatuba 1865	17
Mapa 2 - Malha Urbana de Indaiatuba - 2017	24
Mapa 3 - RMC (Região Metropolitana de Campinas)	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PARTE I - INDAIATUBA SOB UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	15
2.1 DA VILA DE ITU AO MUNICÍPIO DE INDAIATUBA	15
2.2 TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E URBANAS - SÉCULO XX	18
3 PARTE II - MIGRANTES E SUAS PERSPECTIVAS	26
3.1 MIGRAÇÕES	26
3.2 INFRAESTRUTURA E A MEMÓRIA DAS(OS) ANTIGAS(OS) MORADORAS(ES) DO JARDIM MORADA DO SOL	33
3.2.1 Uma cidade desenvolvida (?) e um bairro que não tinha nada	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar o que motivou a migração de paranaenses, baianas(os) e mineiras(os), entre os anos 1970 e 1990 para Indaiatuba/São Paulo. Com o objetivo específico de identificar quais foram os motivadores que levaram esses grupos a migrar para o bairro Jardim Morada do Sol, no município citado e também compreender, a partir da memória exposta em cada entrevista, quais as vivências e dificuldades encontradas por essas(es)² migrantes.

As pesquisas até então realizadas sobre as migrações em Indaiatuba não tomaram como ponto de partida a fala de suas moradoras e moradores, mas sim dados quantitativos. Por isso, pretende-se, com este trabalho, abordar os agentes históricos pouco ou nunca ouvidos, a partir do método da história oral, e evidenciar sua participação na história e memória do bairro. Pretende-se ainda produzir conhecimento para as(os) moradoras(es) da cidade de Indaiatuba(SP), para a compreensão desse passado não tão distante, proporcionando futuros debates as(aos) interessadas(os), partindo de um entendimento de sua História.

A hipótese é de que os grupos oriundos do estado do Paraná, Minas Gerais e Bahia, mudaram-se para o Jardim Morada do Sol em busca de novas oportunidades de emprego, por ser um bairro projetado próximo aos bairros industriais do município de Indaiatuba. Também parte-se da ideia de que os grupos oriundos dos estados do Paraná, Minas Gerais e Bahia, migraram para o Jardim Morada do Sol, escolhendo-o pelo baixo custo dos terrenos e da moradia no período entre 1970 e 1990, por se tratar de um bairro periférico.

O trabalho é um estudo de caso, a partir da pesquisa qualitativa - com adicional do uso de dados quantitativos já coletados em trabalhos anteriores. Foi essencial a pesquisa em documentos e a utilização do método da História Oral com 3 moradoras(es) do bairro Jardim Morada do Sol que migraram dos estados citados anteriormente. Os estados selecionados são aqueles de onde migraram a maioria

² Entende-se que a norma culta exige que os pronomes apareçam, primeiramente, no masculino, mas neste trabalho será usado o feminino.

das(os) moradoras(es) que constituem o bairro pesquisado, de acordo com trabalhos já realizados acerca do assunto.

As(os) entrevistadas(os) foram indicações de familiares e pessoas conhecidas da autora deste trabalho. São pessoas que viveram em estados (Unidades Federativas) diferentes em sua infância, mas que compartilham, ainda que não se conheçam, memórias convergentes de um mesmo bairro, no qual vivem há 30 anos ou mais.

Tabela - Dados das(os) entrevistadas(os)

Nome Entrevistada(o)	Cidade origem /UF	Ano de chegada em Indaiatuba	Familiares vieram antes?	Reside no Jardim Morada do Sol no dia da entrevista?
Ana Paulina Simão Moraes	Três Pontas/MG	1988	Sim, o irmão	Sim
Dilma Alves Santos	Itabuna/BA	1977	Sim, o companheiro	Sim
Pedro Ferrari	São Jorge/PR	1980	Sim, os pais	Sim

Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere a memória, em Halbwachs, a memória individual seria beneficiada pela memória coletiva, ou seja, existem “[...] suficientes pontos entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (Halbwachs, apud POLLAK, 1989, p.4).

É notável que, apesar de as memórias das(os) entrevistadas(os) encontrarem pontos em comum formando uma memória coletiva, há uma busca da memória individual, quando cada uma(um) apresenta aspectos de seu próprio cotidiano para remontar o passado. Para Pollak (1989), as pessoas tendem a defender uma história oficial, criada a partir apenas das memórias coletivas, *enquadradas* e de cima para baixo. Porém,

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias

coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais” (POLLAK, 1989 p.12).

A metodologia da História Oral foi empregada porque ela “permite, através da fala e da escuta, do registro das histórias narradas, entrar em contato com a memória do passado e a cultura do presente” (MAGALHÃES; SANTIAGO, 2015, p.7). Este método possibilitou que perguntas fossem feitas diretamente às(aos) moradoras(es), observando a construção de suas narrativas, aspectos do local que foram destacados em suas memórias e as emoções enquanto relembavam suas experiências.

A história oral é capaz de criar fontes do tempo recente, o que caberia perfeitamente quando Chartier (2006) diz que a história do tempo presente causa *inveja*. Uma “inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhe narra as vidas” (CHARTIER, 2006, p. 215).

Infelizmente esse *encontro com seres de carne e osso* foi restrito, devido ao cenário atípico em que o mundo se depara: uma pandemia causada pela COVID-19. O cenário durante a execução deste trabalho foi inicialmente de uma rotina comum, sem maiores restrições. Sendo assim, a primeira entrevista, com a dona Dilma Alves Santos, pôde ser realizada pessoalmente, em Indaiatuba, com entrevistadora e entrevistada sem as preocupações de distanciamento social.

A segunda e terceira entrevistas foram realizadas dentro do contexto da pandemia que restringiu viagens, aglomerações e exigiu distanciamento social e uso de máscaras. Sendo assim, ocorreram de forma remota, estando a entrevistadora em Erechim, Rio Grande do Sul. Tanto a segunda entrevistada, quanto o terceiro entrevistado estavam na cidade de Indaiatuba, no estado de São Paulo, onde residem.

Devido às exigências da OMS (Organização Mundial de Saúde), as pessoas deveriam se manter em quarentena em suas casas. Por isso, a metodologia da

História Oral, teve de ser utilizada empregando os aplicativos disponíveis na internet. Foram usados Skype e Zoom³. Problemas de áudio e de cortes de vídeo podem ser percebidos nos documentos de transcrição das entrevistas realizadas remotamente, aparecendo recorrentemente a palavra “inaudível”.

Por esses mesmos motivos e pelo pouco tempo para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, o número de entrevistas teve que ser restrito e abaixo do que se pretendia, gerando maiores dificuldades na elaboração das análises.

Outra dificuldade encontrada para a realização do trabalho foi a suspensão dos serviços considerados não-essenciais⁴. Antes do período de pandemia, foi possível um único acesso ao Arquivo Público de Indaiatuba e à Biblioteca Municipal. Por isso, muitos dos documentos que poderiam colaborar para um melhor desenvolvimento do trabalho, como os do Clube 12 de Junho, não puderam ser consultados.

Apesar de todos os obstáculos, as entrevistas foram de grande importância para evidenciar os problemas de infraestrutura encontradas no bairro estudado, pois vale ressaltar que a história oral está totalmente ligada à memória, portanto é através das lembranças e do relato da(o) entrevistada(o) é que a(o) historiadora(or) pode fazer suas análises, reflexões e pesquisa. Colocando o tema a ser discutido, a(o) entrevistada(o) relembra seu passado e constrói uma imagem de si.

O passado centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção (MATOS, SENNA, 2011, p.159).

Os fragmentos rememorados pelas(os) entrevistadas(os) colaboram para a construção de um imaginário sobre o passado do bairro, mesmo para aquelas pessoas que têm o Jardim Morada do Sol como lugar desconhecido. Ao mesmo tempo, provoca o reconhecimento para quem já vive ali.

³ A escolha dos aplicativos foi das(os) entrevistadas(os). No caso de Ana Paulina Simão Moraes, sua neta foi quem o escolheu.

⁴ O Decreto Federal nº10.282 de 20 de março de 2020, define quais são os serviços públicos e atividades essenciais. Não cabe aqui descrevê-los.

Utiliza-se, junto a história oral, os dados de trabalhos quantitativos já realizados acerca do tema, bem como outras fontes encontradas em arquivos e bibliotecas físicas e *online*.

No quadro teórico utiliza-se os conceitos trabalhados por Marilda Aparecida de Menezes (2012), que interpreta a migração não apenas como um deslocamento de grupos entre uma determinada região e outra, mas como múltipla por considerar sua complexidade e suas subjetividades e, também, por compreender que as(os) migrantes são capazes de constituir um novo contexto, como mostra a citação a seguir:

(...) as noções de campo, espaço migratório e território circulatório aproximam-se da visão mencionada de Flores (2010), em que os migrantes não apenas são capazes de circular, mas de apropriarem-se desses espaços, então, produzindo territórios e participando da criação de riquezas de novas identidades sociais. Assim, há um deslocamento do olhar da migração para os sujeitos dessa ação – os migrantes – enquanto sujeitos que, embora condicionados por condições estruturais, econômicas, sociais, políticas e culturais, também, atuam sobre essas condições, significando-as, atribuindo-lhes significados a partir de seus projetos de vida individuais e familiares. (MENEZES, 2012, p.35)

O trabalho foi dividido em duas partes, sendo a primeira historiográfica a partir, principalmente, de livros e artigos. Começando pela história de Indaiatuba, desde que ela era apenas uma vila de Itu, até o momento em que se torna um município independente. Ao falar do século XX, achou-se necessário evidenciar o crescimento urbano da cidade e a importância que as indústrias - e seu processo de interiorização no estado de São Paulo - tiveram tanto nessa expansão, como no *boom* populacional.

A segunda parte trata-se de uma perspectiva mais subjetiva sobre o bairro Jardim Morada do Sol, a partir de análise das entrevistas citadas anteriormente, com um aporte teórico. Retorna-se à historiografia oficial no item 3.2, para que ela, enfim, seja contrastada com as memórias de cada entrevistada(o).

2 PARTE I - INDAIATUBA SOB UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

2.1 DA VILA DE ITU AO MUNICÍPIO DE INDAIATUBA

Indaiatuba, cidade de nome tupi-guarani⁵, surgiu de um projeto do governo português de incentivo ao povoamento do interior do estado de São Paulo, na segunda metade do século XVIII, para criar “núcleos de população para enfrentar um possível avanço dos espanhóis no sul do país” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.1).

A região era de passagem de tropeiros⁶ “entre a Vila de Itú (atual cidade de Itú) e a Vila de São Carlos (atual cidade de Campinas)” (OLIVEIRA, 1996 p.13) e essas tropas que seguiam para o sul, passavam por “Sorocaba, e do sul para as vilas mineradoras do Mato Grosso e Goiás, passando pelo mesmo caminho” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.1).

Essa região, ainda muito tímida em sua densidade populacional, vivia da roça de milho e feijão, mas ao longo do tempo passou por diversas transformações econômicas. A partir da produção de açúcar e aguardente:

em cem anos cresceu o número de engenhos de tal modo que, por volta de 1850, já não havia aqui um só córrego com queda suficiente para mover uma queda d'água que não tivesse a sua 'fábrica de fazer açúcar' (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.2).

A sede da Fazenda D'Água, provavelmente erguida nos anos de 1770 de frente ao córrego Barnabé, foi uma das responsáveis pela produção de açúcar e, posteriormente, de café. No “entorno dessas fazendas de açúcar foram se fixando, desde o final do século XVIII, pessoas que viviam do comércio e da fabricação

⁵ “Indaiá’, um tipo de palmeira e ‘tuba’, que significa grande quantidade” (OLIVEIRA, Marinês Barbosa de. **Os trabalhadores do Jardim Morada do Sol**: cotidiano, memória social e representações do período de ditadura militar no Brasil. 1996. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: Arquivo Público de Indaiatuba. Acesso em: jul. 2019).

⁶ “De forma geral, a bibliografia relacionada ao assunto, descreve o ‘tropeiro’ como os homens que transportavam, regularmente, manadas de gado vacum, cavalar ou mular - as tropas – do seu lugar de criação (região sul do Brasil) até os locais de consumo (estados centrais do Brasil), além de variados produtos, mercadorias e informações. [...] ‘Tropeiros’ eram aqueles indivíduos que selecionavam os homens para formar a comitiva - um grupo capaz de lidar com gado bovino e mular.” Para mais, ver o trabalho de ZUCCHERELLI, Moara. A “Rota dos Tropeiros” – Projeto Turístico na Região dos Campos Gerais: um olhar antropológico. 2008. Dissertação (Mestrado em antropologia social) - Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/15962/ROTA.jsessionid=DBB19A273961C2E1D0E2953E63794A5D?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2019.

artesanal de produtos para os habitantes próximos” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.3).

O centro urbano - casas, comércio, circulação de artesãs(ãos) e trabalhadoras(es) livres - se fixou em torno do Largo da Igreja Matriz, hoje Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, onde, segundo Koyama e Cerdan (2009), aconteciam os casamentos, sepultamentos, dentre outros eventos religiosos, mas também eventos públicos como eleições e reuniões da Câmara⁷.

Na segunda metade do século XIX, o açúcar perde seu apogeu na exportação de produtos agrícolas, sendo substituído aos poucos pelo café. Joaquim Emígdio de Campos Bicudo⁸, fazendeiro cafeicultor, “instalou a primeira máquina de beneficiar café da cidade, movida a vapor” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.5), onde hoje fica a região do casarão do Pau Preto⁹, que era a sede da fazenda e que, de acordo com Ana Lígia Scachetti (2001)¹⁰, foi construído entre 1810 e 1820 com mão de obra escrava.

Nesse período, Indaiatuba já havia ascendido politicamente. Em nove de dezembro¹¹ de “1830 Indaiatuba tornou-se, por decreto do Imperador, sede de uma das Freguesias da Vila de Itu” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.6). Chegou a ter cerca

⁷ “Com o final do Império, todas as funções públicas da Igreja desapareceram, e a cidade passou a contar com dois centros: um religioso, no Largo da Matriz, e um civil no Largo da Cadeia, atualmente chamado de Praça Prudente de Moraes” KOYAMA, Adriana Carvalho; CERDAN, Marcelo Alves. Indaiatuba: esboço de uma história. Arquivo Público Municipal. Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2009. Disponível em: https://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/historia_indaiatuba.pdf. Acesso em: 23 out. 2019.

⁸ “Casou-se em 1875 com D. Escolástica Angelina da Fonseca, filha do abastado fazendeiro de Indaiatuba capitão José Manoel da Fonseca Leite, de quem o casal recebeu a Fazenda Pau Preto como dote de casamento [...].Joaquim Emígdio, que era comerciante, deixou sua loja de tecidos para tomar conta da fazenda, onde introduziu com sucesso a cultura do café, chegando alguns anos depois a ter uma plantação de 90 mil pés” (SCACHETTI, Ana Lígia. **O Ofício de Compartilhar Histórias**: história e memória de Indaiatuba sob a perspectiva de uma periodista. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2001).

⁹ “O Museu iniciou suas atividades em 1983, quando o Casarão Pau Preto foi declarado de utilidade pública” (disponível em: <https://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/casarao/>. Acesso em: abr 2020)

¹⁰ Toda referência em que cito Scachetti, trata-se de materiais jornalísticos sobre a cidade de Indaiatuba, publicados por ela em um famoso jornal da cidade, Tribuna de Indaiá, em parceria com a Fundação Pró-Memória de Indaiatuba e que foram reunidos em uma obra chamada “O ofício de compartilhar histórias”.

¹¹ Data que hoje se comemora o aniversário do Município.

O cenário da cidade também sofreu alterações a partir da instalação da Estrada de Ferro Ituana, em 1872, que ligava Jundiaí ao bairro Pimenta, que se estendeu em 1873, quando “iniciou-se o trecho Itaici-Piracicaba, passando por Indaiatuba” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.9). Erguida com dinheiro público arrecadado pela Câmara Municipal de Indaiatuba, a primeira Estação foi doada para a empresa Ytuana.

Essa ferrovia foi responsável pela ligação da cidade de Indaiatuba a São Paulo e

“possibilitou a ida e vinda cotidiana de pessoas e de mercadorias, o telégrafo, a chegada diária do correio... Por ela chegaram os imigrantes e por ela saíram as batatas, a madeira, todo comércio, enfim. Nela embarcaram nossos soldados na Revolução de 32. [...] Esses [imigrantes] homens e mulheres dedicaram-se principalmente à agricultura, mas também ao comércio, às oficinas e manufaturas” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.10).

Agora instalados em uma nova cidade, as(os) imigrantes que ali permaneceram puderam acompanhar as grandes transformações do município. A história de Indaiatuba, a partir do início do século XX, é carregada de transformações na infraestrutura, saneamento e industrialização.

2.2 TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E URBANAS - SÉCULO XX

Desde o início do século XX, mesmo que de maneira mais lenta nas primeiras décadas, já é possível observar grandes transformações na dinâmica do município de Indaiatuba, sobretudo em questões econômicas e de espaços urbanos. A economia da cidade estava

dividida entre as culturas do café, algodão, milho e batata, com algumas manufaturas e oficinas artesanais, a vida urbana concentrava-se nas lojas, armazéns, cinemas e na vida religiosa. A cidade cresceu pouco na primeira metade do século XX, voltada para a economia agrária (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.13).

A população de Indaiatuba era de 9.944 habitantes em 1920, num período em que, segundo Ingrid Rosa dos Santos (2018) foi das “primeiras experiências fabris”. O aumento dos limites territoriais e do número de habitantes, aconteceu de maneira

gradual e lenta, como pode-se observar no caso dos bairros Parque Boa Esperança, Vila Furlan e Vila Vitória I e II.

Essa primeira mancha industrial estava localizada às margens da linha férrea [...], afastada do centro, nos atuais bairros Parque Boa Esperança, Vila Furlan e Vila Vitória I e II, hoje de perfil residencial, e era relevante as unidades centradas na transformação de madeiras, tendo como maior expoente a fábrica Gryscek que produzia cabos de guarda-chuva e bengalas. Apesar de funcionar por pouco tempo, falência em meados de 1930, a existência da fábrica naquele local foi importante por levar a urbanização para aquele ponto da cidade, onde antes só passavam os trens. (SANTOS, 2018, p.5).

Em 1936, uma lei sobre o perímetro urbano foi implementada, ocorrendo o mesmo nos anos de 1937 e 1939, porém, sem muitos “desdobramentos relevantes para o espaço urbano” (SANTOS, 2018, p.6). Leis do gênero que determinaram não apenas os perímetros urbanos, mas também os suburbanos, só voltaram a ser instituídas em 03 de julho de 1950, com a Lei nº237, de 1950. Sob a administração do prefeito Jacob Lyra (1947-1947 e 1952-1955), decidiu-se por

[...] investir em um novo modelo de urbanização, mesmo com uma população que ainda não chegava a 12.000 habitantes (eram 11.253 segundo o IBGE). Aprovado em 1951, o bairro Cidade Nova era destinado aos operários das indústrias que vinham se instalando (Yamar do Brasil, como exemplo). (SANTOS, 2018, p.6)

Apesar do pequeno crescimento populacional desse período, as mudanças foram sentidas nas áreas urbanas da cidade, ainda que em pontos bem específicos. Houve também uma dinamização do comércio, da indústria e de outros setores que movimentaram a economia.

Em 1950 havia 11.253 habitantes no município, que contava então com muitas oficinas: selarias, carpintarias, cantaria, serralherias, ferreiros, sapateiros, alfaiates, máquinas de beneficiar café, arroz e milho, serrarias. Havia fábricas de processamento de algodão, de móveis e de cabos de guarda-chuva, de vassouras, uma fábrica de instrumentos musicais, uma fábrica de cachimbos, uma tecelagem, olarias e pedreiras. O comércio tinha padarias, bares, armazéns, produtos agrícolas, sorveterias, hotéis, fotógrafo, bicicletarias, barbeiros, posto de gasolina, cabeleireiras, barbeiros, etc (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.15-16).

Além disso, a estrutura urbana sofria processos de modernização, principalmente a partir dos anos 1960-70, com o “bota-abaixo” - que foi responsável pela demolição de boa parte dos prédios antigos - e o desenvolvimento da industrialização.

A vontade de se afastar do passado e voltar-se para o futuro era parte da euforia do 'progresso', sentimento embalado pelo crescimento econômico daquele momento, com a expansão industrial ligada à chegada de empresas internacionais e com o modelo da recém inaugurada capital federal, de arquitetura e proposta modernista (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.17).

Desde os anos 1940 instalaram-se no município indústrias como a Cerâmica Terra Vita, Têxtil Judith e Yamar do Brasil, que foram de grande importância para o desenvolvimento urbano. Ingrid Santos (2018) destaca outro fator valioso para esse crescimento: o Aeroporto de Viracopos em Campinas¹³, construído entre 1950 e 1958, e elevado ao *status* de Aeroporto Internacional em 1960.

A expansão industrial, em Indaiatuba, acontece entre a Avenida Presidente Vargas e a estrada velha de Itaiçi. Concomitante a esse processo, o prefeito "Romeu Zerbini [(1964-1969) e (1973-1977)], encomendou estudos da situação atual da cidade em todas as áreas onde o poder público pudesse intervir para a elaboração de um plano diretor¹⁴ que norteasse a expansão, denominado 'Plano Integrado de Desenvolvimento'" (SANTOS, 2018, p.7).

Elaborado em 1968, pela SD Consultoria de Planejamento Ltda., em parceria com o escritório Jorge Wilhelm¹⁵ e Arquitetos Associados, e com consultoria de Rosa Grena Kliass¹⁶ para as áreas paisagísticas. O projeto foi aprovado e várias das indicações implantadas através da lei nº1.048 de 17 de janeiro de 1969. Naquele momento, foi apontada a proximidade da cidade com a estrada Campinas-Salto e com o Aeroporto, mas a expansão urbana foi guiada em sentido à cidade de Monte Mor, através da Avenida Presidente Kennedy, no bairro Cidade Nova, que vinha se desenvolvendo desde a década antecedente (SANTOS, 2018, p.7).

¹³ Na divisa entre Campinas e Indaiatuba.

¹⁴ Utilizaremos a sigla PD para nos referirmos ao Plano Diretor.

¹⁵ "Da sua prancheta também saíram os projetos de muitas das referências arquitetônicas e urbanas que conhecemos, tais como: [...] o centro de diagnósticos do Hospital Albert Einstein (1978/85) [...] Suas principais marcas no Governo do Estado de São Paulo foram a criação do PROCON, da Fundação SEADE, da EMTU, e do 'Passe do Trabalhador', hoje conhecido como Vale Transporte". Para mais, ver Jorge Wilhelm. Disponível em: <http://www.jorgewilhelm.com.br/legado/Arquiteto/1663>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹⁶ "Arquiteta pioneira do Paisagismo no Brasil [...] Entre inúmeras obras, Kliass destacou-se pelos projetos paisagísticos para a Avenida Paulista (1973), a revitalização do Vale do Anhangabaú (1981), ambos em São Paulo, e mais recentemente, pelas obras em grande escala para os Estados do Amapá (Parque do Forte) e do Pará (Mangal das Garças), no início dos anos 2000. Ainda em São Paulo, o projeto paisagístico para o Parque da Juventude (inaugurado em 2003 e concluído em 2007), na capital, foi premiado pela Bienal de Arquitetura de Quito em 2004, uma das muitas premiações de sua carreira". Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/rosa-kliass-pioneira-da-arquitetura-paisagistica-no-brasil/>. Acesso em: 14 out. 2020.

O PD abrangia principalmente a região central da cidade e, segundo Dezen-Kempter, Anhaia e Terra (2015), impunha delimitações do perímetro urbano. Esse plano “guiou a expansão urbana até a década de 80, quando, com seu crescimento acelerado por grandes ondas de migração, o projeto encontrou seu limite” (KOYAMA; CERDAN, 2009, p.18), o que ocasionou uma ocupação desordenada da região Sul.

Na década de 1960, houve um sucateamento da rede ferroviária, em benefício da rede rodoviária.

o interior do estado de São Paulo passou a ter, além de extensa rede ferroviária, uma completa rede rodoviária ligando suas Regiões Administrativas aos estados vizinhos e à capital. Esses aspectos, aliados à agricultura de dimensão nacional, ao acelerado progresso de urbanização no período 1959/1970 e à resolução da oferta energética, constituem bases para a consolidação de uma indústria interiorizada, que, em 1970, respondia por quase 30% do valor de produção industrial de São Paulo e por 16% do nacional (Negri, 1996, p.116, apud OTERO, 2012, p. 8-9).

Em 1970, segundo Ingrid Santos (2018), foi a vez de Indaiatuba investir na Rodovia SP-75, através do decreto estadual de 21 de dezembro, garantindo um maior acesso entre a capital, São Paulo, e o interior.

como um dos principais eixos de desenvolvimento do interior, e cortando boa parte do território de Indaiatuba, foi o suficiente para, que em 1976, ser necessária a aprovação de uma lei concedendo estímulos industriais promovendo a mudança destas para os bairros industriais criados à beira da rodovia (SANTOS, 2018, p.7).

A dinâmica urbana passa a se relacionar “principalmente, ao momento histórico representado pela desconcentração industrial nas décadas de 1960 e 1970 de São Paulo em direção ao interior” (SANTOS, 2018, p.2). Indaiatuba recebeu cerca de 18 empresas, que de acordo com Santos (2018), moldaram o *perfil metalúrgico* da cidade. Esta teve um primeiro aumento significativo no número de habitantes, chegando a 19.697 em 1960 e 30.556 em 1970.

Desde o início do século XX, São Paulo já contava com uma expansão industrial no ramo de bens de consumo não-duráveis e uma expansão agroindustrial no interior paulista, sobretudo de algodão e cana-de açúcar e, em 1929, o estado “já concentrava 37,5% da produção industrial [do Brasil]” (OTERO, 2012, p.5). Porém, anteriormente aos anos de 1970, a concentração industrial se dava na Grande São

Paulo que, em 1956, detinha “66,6% de produção total brasileira” (OTERO, 2012, p.7) e a participação do interior paulista era de 17,4%, principalmente na Região Administrativa de Campinas.

Evidenciam-se dois movimentos de desconcentração da indústria: “de São Paulo em direção às outras regiões do país, e da Grande São Paulo em direção ao interior paulista” (OTERO, 2012, p.10). No início do século XXI, o interior paulista destacou-se industrialmente e Otero (2012) elenca cinco fatores que serviram de auxílio para essa predominância: 1) *deseconomias de aglomeração*; 2) *Políticas estaduais de descentralização*; 3) *Políticas de atração municipal*; 4) *Políticas federais de incentivo às exportações e o Proálcool*; e 5) *Investimentos federais*.

Apesar de se verificar no trabalho de Otero (2012) que foram as cidades médias as principais beneficiadas com os processos de interiorização das indústrias, garantindo uma *desconcentração concentrada*¹⁷, não se pode deixar de observar que Indaiatuba, ainda que sendo uma cidade pequena, também conseguiu garantir seu desenvolvimento.

Dentre as determinantes que favoreceram a interiorização do desenvolvimento ressalte-se a existência de um conjunto de cidades de porte médio, polarizando regiões amplas e vastos conjuntos de municípios menores, e que serviram de suporte a essa desconcentração da indústria (OTERO, 2012, p.22).

O crescimento urbanístico de Indaiatuba se deu concomitantemente ao industrial e populacional. Ingrid Santos (2018) destaca que em 1970, 1973, 1974, 1975 e 1978, leis municipais delimitaram o perímetro urbano da cidade que seguia em direção à rodovia. Em 1973 é criado o Distrito Industrial¹⁸ de Indaiatuba e nesse período dos anos 1970-1980 instalaram-se “63 empresas na cidade (ainda em

¹⁷ Otero usa o conceito *desconcentração concentrada* como definição das políticas do PND - Plano Nacional de Desenvolvimento, quando se interpreta que o processo de desconcentração das indústrias da Grande São Paulo passa a concentrar as indústrias em cidades médias (com população de 100 mil a 500 mil habitantes).

¹⁸ Lei Nº1254 de 15 de agosto de 1973, com a prefeitura sob administração do prefeito Romeu Zerbini (1964-1969 e 1973-1977) que teve seu primeiro mandato nomeado após a perseguição ao prefeito Ivan Correa de Toledo (1/1/1964-12/6/1964) acusado de comunismo. Sobre esse caso ver: SCACHETTI, Ana Lígia. **O Ofício de Compartilhar Histórias**: história e memória de Indaiatuba sob a perspectiva de uma periodista. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2001, p. 60-62.

funcionamento), como a General Motors (1972) e a Singer do Brasil (1981)” (SANTOS, 2018, p.8).

O processo de descentralização industrial da Região Metropolitana de São Paulo, a partir da década de 1970, foi um dos propulsores do incremento habitacional da cidade [de Indaiatuba], mais que triplicando a sua população entre as décadas de 1970-1991 (DEZEN-KEMPTER; ANHAIA; TERRA, 2015, p.157).

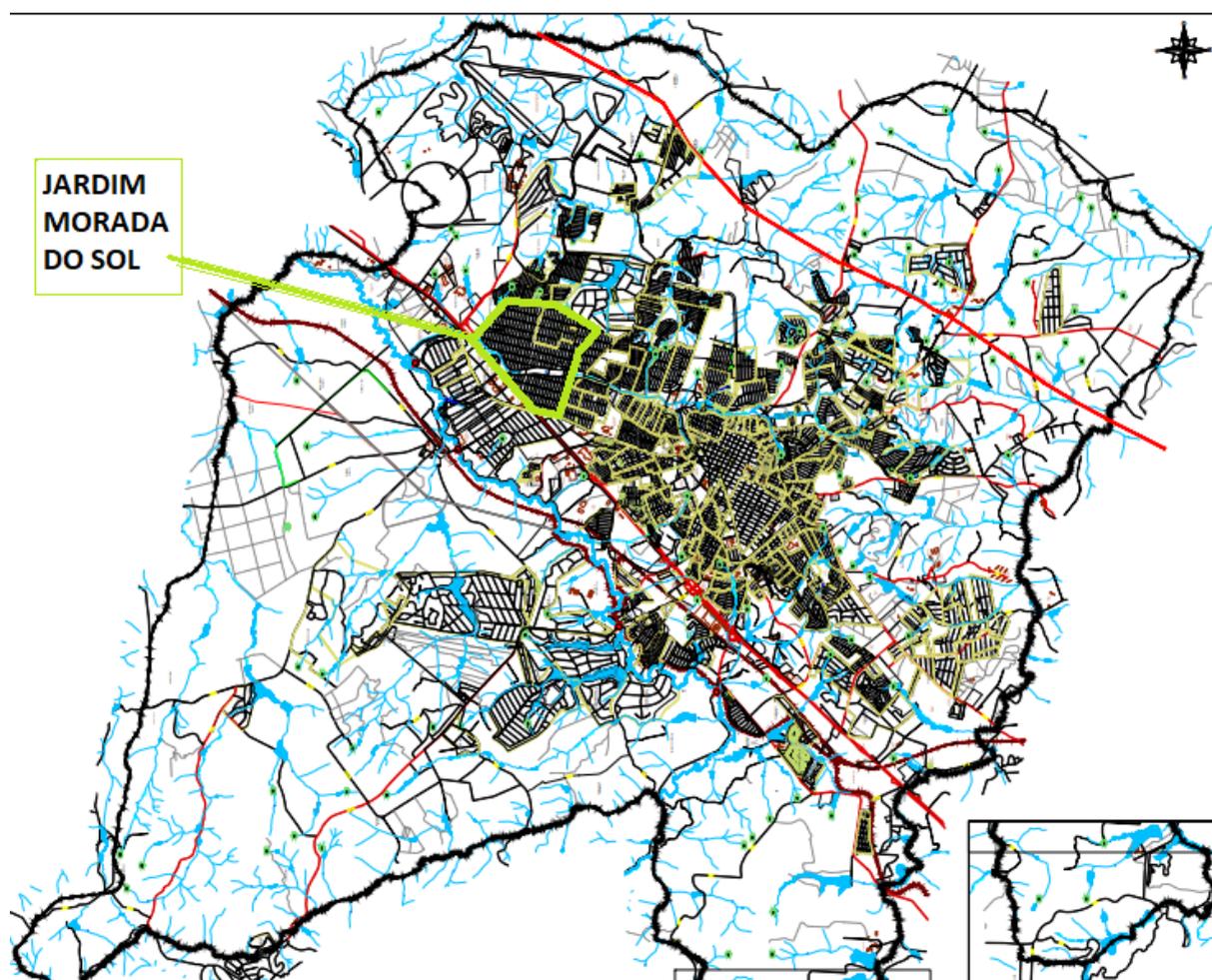
Em 5 de setembro de 1979, o prefeito Clain Ferrari (1977-1983 e 1989-1991) sanciona e promulga a Lei Municipal nº1.723¹⁹ que delimitou o Distrito Industrial de Indaiatuba até a Rodovia-79 e, de acordo com Oliveira (1996), isso teria possibilitado o surgimento do Jardim Morada do Sol²⁰, que é um dos bairros de zona periférica que, em seu princípio, era abastecido por poucos serviços urbanos, mas “tornou-se o maior bairro do município com cerca de 8,8 mil residências e 44 mil habitantes” (Alves, 2002 *apud* DEZEN-KEMPTER; ANHAIA; TERRA, 2015, p.158) (ver MAPA 2).

O grande crescimento urbano ocasionou a necessidade da implementação de Planos Diretores, como o de 1968, citado anteriormente, e os de 1990, 2001 e 2010, que seguiram um padrão que “impôs para a população de baixa renda uma localização mais periférica, desprovida de urbanização inclusiva, com poucos equipamentos e serviços urbanos, impulsionando a segregação socioespacial” (DEZEN-KEMPTER; ANHAIA; TERRA, 2015, p.158).

¹⁹ Sobre a Lei, disponível em:
https://sapl.indaiatuba.sp.leg.br/consultas/norma_juridica/norma_juridica_mostrar_proc?cod_norma=330. Acesso em 08 dez. 2020.

²⁰ Separado do Distrito Industrial pela Rodovia-75

Mapa 2 - Malha Urbana de Indaiatuba - 2017

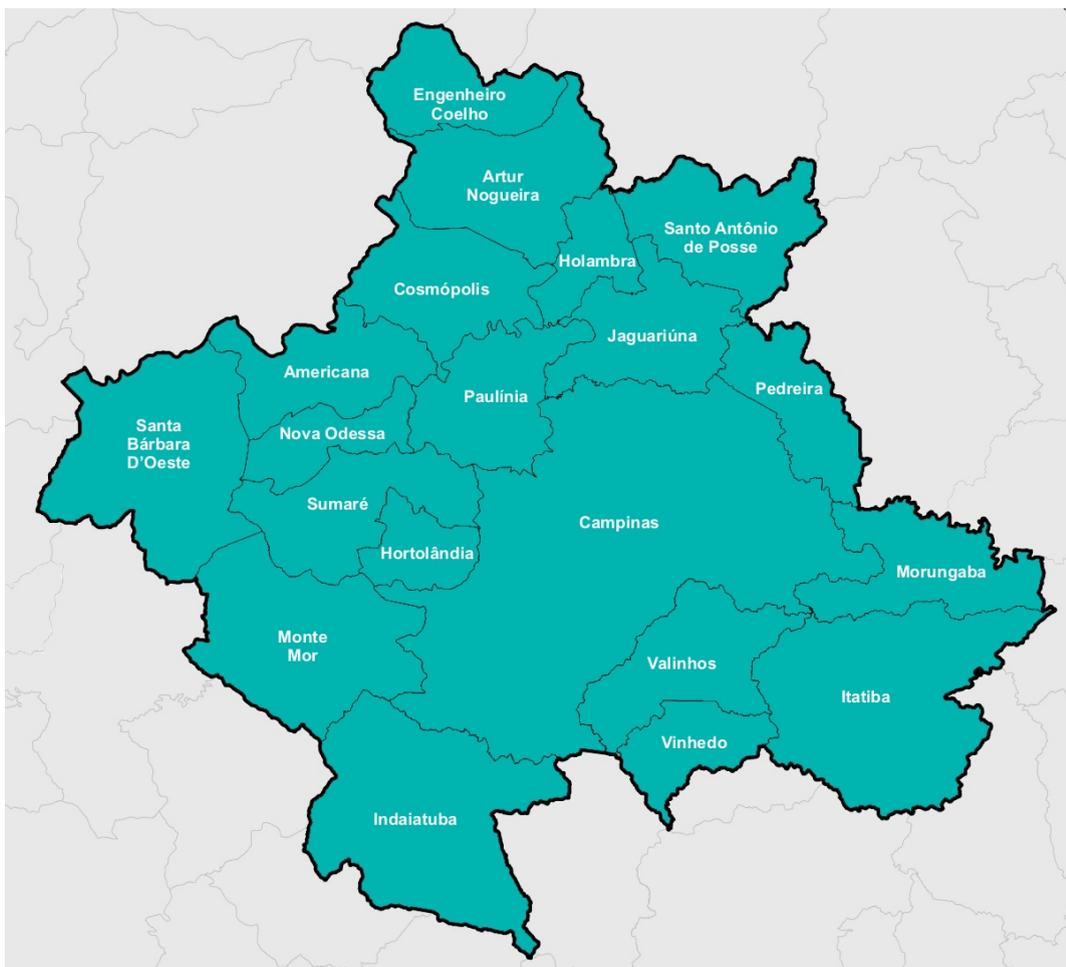


Fonte: Prefeitura Municipal de Indaiatuba

Nota: Destaque em verde feito pela autora: Jardim Morada do Sol

Hoje Indaiatuba “se insere na Região Metropolitana de Campinas - RMC (Mapa 3), a qual foi instituída pelo governo estadual por meio da Lei nº 870, de 19 de junho de 2000 (São Paulo, 2000), reunindo, a partir de 2014, 20 municípios paulistas” (DIAGNÓSTICO MUNICIPAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE INDAIATUBA, 2019, p.14). De acordo com a projeção do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) o município tinha cerca de 239.391 habitantes em 2019.

Mapa 3 - RMC (Região Metropolitana de Campinas)



Fonte: EMPLASA

3 PARTE II - MIGRANTES E SUAS PERSPECTIVAS

3.1 MIGRAÇÕES

Como verificado anteriormente, um grande aumento da densidade populacional pode ser percebido em Indaiatuba, principalmente na segunda metade do século XX. Esse desdobramento teve como uma das causas²¹ o grande contingente migratório, que necessita ser observado a partir de diversas perspectivas, pois ao longo do tempo, as migrações foram sofrendo com mudanças em seu sentido e complexidade em todo o território brasileiro e, claro, incluindo Indaiatuba.

Compreendendo a migração, primeiramente de forma generalizada, observa-se que a partir do início do século XX, esse movimento foi importante para a mudança de uma sociedade rural para uma sociedade industrializada.

Na vertente da migração rural-urbana, Singer (1973) contextualizou esses movimentos migratórios no bojo do processo de industrialização em curso, onde os deslocamentos populacionais - com *origem* no rural e *destino* urbano representavam a força de trabalho necessária à etapa de acumulação capitalista (BAENINGER, 2005, p.84-85).

Esse processo “rural-urbano”, segundo Baeninger (2005), perdurou principalmente até os anos 60, no Brasil, mas sem deixar de existir nos anos seguintes.

A *bipolaridade*²² na dinâmica das forças migratórias, que aparece nesse momento, de acordo com Baeninger (2005), começa a perder seu destaque e o movimento de migração para as fronteiras (*forças centrífugas*), a partir dos anos 1970, e o deslocamento para a região da Metrópole de São Paulo (*forças centripetas*), principalmente a partir dos anos 1980. Até os anos 1990 é possível verificar essas duas forças migratórias, sem que nenhuma das duas se exclua de vez.

²¹ Menciona-se “uma das causas”, pois inúmeros fatores poderiam ser destacados como: aumento da expectativa de vida, taxa de natalidade, etc. Mas este trabalho focou nos processos migratórios.

²² Termo usado por Baeninger. Grifo nosso.

O contexto indaiatubano se insere em alguns dos tipos de deslocamentos mencionados, que são de suma importância para o entendimento do *boom* populacional ocorrido no município na segunda metade do século XX, pois “entre 1970 e 1980, o município de Indaiatuba apresentou um crescimento absoluto de 25.700 pessoas na população total, sendo 71% representados pelo crescimento migratório e 29% pelo incremento vegetativo” (ALVES, 2003, p.42).

Conforme Alves (1997), a procura por trabalho conciliada ao período de estímulo à expansão do parque industrial de Indaiatuba, fez com que o município recebesse muitas pessoas de zonas rurais do Paraná, atingidas pela crise do café. Dentre urbanos e rurais, na “década de 1980, os paranaenses correspondiam a quase 20% do saldo da população migrante da cidade” (DEZEN-KEMPTER; ANHAIA; TERRA, 2015, p.158).

Pode-se verificar esse tipo de processo na entrevista de Pedro Ferrari, que residiu no estado do Paraná até os 23 anos, com sua esposa, pais e irmãos. Todos subsistiam da lavoura e migravam entre uma terra e outra:

Na verdade eu era meio nômade. Como nós trabalhávamos em terra arrendada, então normalmente a gente não tinha uma residência fixa por muito tempo. Dois, três anos e normalmente mudava em busca de lavouras melhores. [...] A gente era percenteiro. A gente tocava a lavoura do outro e ficava com 40% da produção. [...] nós morávamos no mesmo sítio, trabalhávamos juntos, a gente trabalhava em família, mesmo eu sendo casado, sendo uma outra família, nós continuávamos trabalhando em conjunto (FERRARI, 2020, p.1-2).

Seus pais migraram para Indaiatuba no final dos anos 1970 e, com sua esposa grávida, Pedro vai para Laranjal Paulista, há 100km de distância. A mudança da família foi, de acordo com o entrevistado, principalmente pela crise do café ocorrida no Paraná, no final dos anos 70.

No estado de São Paulo, sua rotina mudou, pois agora passa a fazer parte do trabalho nas indústrias. Um ano depois, muda-se para o mesmo município que seus pais, onde diz ter encontrado uma maior possibilidade de emprego.

O entrevistado vivenciou o êxodo rural, experiência que compartilha semelhanças com outras histórias, se conhecemos o contexto histórico paranaense

dos anos de crise do café no século XX. Mas dessa forma, generaliza-se o fator migratório.

Quando se analisa caso a caso, observa-se uma dinâmica de migração mais complexa. Isso porque é possível fazer análises que privilegiam os sujeitos históricos.

Martins (1986)²³ reconhece a importância das tipologias de migrantes e de migrações, no entanto propõe um deslocamento de foco para os sujeitos dessa ação – ou seja – os migrantes, privilegiando como eles tratam subjetivamente as suas experiências de viver entre espaços sociais e tempos diferenciados (MENEZES, 2012, p. 27).

No caso de Pedro, uma das complexidades observadas foi a de que não se trata apenas de um processo rural-urbano (até que finalmente ele se fixasse em um local de residência), mas também, à uma migração entre espaços rurais, no estado do Paraná e, posteriormente, urbanos: de Laranjal Paulista para Indaiatuba. Em outras palavras, refere-se a um migrante que, junto à sua família, buscou oportunidades de subsistência em diversos lugares antes de finalmente constituir uma relação com um ambiente²⁴.

Essa história, obviamente, não representa a de todas(os) as(os) paranaenses que migraram para Indaiatuba, nem mesmo se o foco for as(os) paranaenses residentes do bairro Jardim Morada do Sol. A memória enquanto “o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (Bergson *apud*. BOSI, p.9), permitiu ao entrevistado trazer à tona sua própria singularidade sobre os processos de deslocamentos vivenciados.

Além do deslocamento rural-urbano, Indaiatuba recebeu pessoas de outros processos migratórios. Nas entrevistas realizadas para este trabalho, evidenciou-se que, ainda que inseridos em um mesmo momento histórico em que acontecem forças de atração e expulsão e forças *centrípetas* e *centrífugas*, as(os) migrantes

²³ MARTINS, J..S. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, J. S. Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis: Vozes, 1986.

²⁴ Pedro Ferrari, conforme sua entrevista, reside no mesmo bairro indaiatubano desde sua mudança, foi vereador, segundo ele, entre os anos 1989 e 1992. No momento de escrita deste trabalho, tornou-se candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores, nas eleições de 2020, mas não foi eleito.

atravessaram situações de deslocamento bem particulares, que podem estar, ou não, paralelas a esse contexto.

Ao lado dos fluxos tradicionais, também passam a sobressair-se como elementos explicativos e determinantes do fenômeno migratório: outras direções (movimentos de curta distância, movimentos de retorno, movimentos intra-regionais) e novas dimensões da migração - em particular a espacial. (BAENINGER, 2005, p. 85).

Passa-se a entender que há inúmeras motivações para que a migração aconteça, seja entre cidades de uma mesma região ou de regiões distintas, seja para um local fixo ou temporário. Assim, compreende-se a existência de *migrações múltiplas*, abordada por Menezes (2012), ou seja, processos complexos e subjetivos, que deixam de lado a ideia de que as migrações ocorrem exclusivamente por questões de desenvolvimento econômico.

Dilma Alves Santos, que residia em Itabuna/BA, não obteve a permissão de sua mãe - descrita como uma pessoa rígida - para se casar com o pai de seus dois filhos. Teve que procurar por um emprego para sustentá-los sozinha e, com muita dificuldade, encontrou a vaga de caixa em uma lanchonete. No andar superior do estabelecimento de trabalho havia uma pensão, na qual um Baiano²⁵ estava hospedado. Este homem, que passou a conversar e se aproximar de Dilma, lhe fez um convite:

Nós ficamos conversando e conversa vai, conversa vem, perguntou se eu era casada. E você sabe, aquelas conversas ne?! [...] Ele já morava aqui nessa cidade [em Indaiatuba]. Ele veio de Feira de Santana e já estava trabalhando aqui. Ele falou assim: 'Se eu for pra Indaiatuba e arrumar uma casa lá, você vai embora comigo?' [...] Eu falei assim: 'eu vou!'. Quando minha mãe ficou sabendo, ela falou assim: [...] 'eu não acredito que ele venha te buscar'. Pois ele foi, minha filha. Ele veio, arrumou a casa aqui. Comprou do jeitinho dele, móveis usados e tudo. Organizou tudo e chegou lá, foi me buscar. Foi no dia dezanove de junho de setenta e sete. Foi quando eu vim embora com ele (SANTOS, 2020, p.2-3).

Sendo assim, observa-se nessa entrevista, dois casos diferentes de processos migratórios: a do Baiano que provavelmente²⁶ passou pelo processo de

²⁵ Não teve seu nome citado na entrevista. Por isso, aparecerá com letra maiúscula, para especificar quando se refere a ele.

²⁶ A descrição do processo de migração do Baiano não foi relatada mais do que o que se vê na citação.

migração devido à possibilidade de trabalho e a de Dilma Alves que se refere à uma migração com relação afetiva, pois ela já tinha seu próprio emprego.

O relato de Dilma destaca a experiência inicial em Indaiatuba de não ter muita proximidade com as vizinhas, que trabalhavam durante o dia, fazendo com que ela quase não as visse. Por isso, quando engravidou, decidiu voltar para a Bahia, para “dar à luz” na casa de sua irmã. A entrevistada relata que seu companheiro comprou as passagens para que ela e seus filhos fossem para a Bahia. Um processo de transição de uma região à outra, a partir de uma saída, retorno e novamente a saída de sua cidade natal, dentro de um período de cerca de um ano.

cheguei em junho, quando foi em julho, eu já estava grávida de novo, e era dele já. Ai menina... eu voltei pra Bahia, porque eu não conhecia ninguém, as minhas vizinhas tudo trabalhavam. Que nem, assim, saíam cedinho demais, eu não via. Voltava de vez e eu já estava dormindo. Ai ne, eu falei assim: ‘sabe de uma coisa Zé? Eu vou ganhar o neném lá na Bahia, na casa de minha irmã’. Ele falou assim: ‘ah, se você quiser... se você quiser eu compro a passagem e você vai com as crianças, vai as duas crianças’. Nós fomos. Ele comprou as passagens eu já estava com três pra quatro meses. [...] E depois eu voltei já com três meses, o neném já com três meses e oito dias. Ele foi me buscar de novo (SANTOS, 2020, p.2).

Percebe-se a complexidade de sua migração, entre idas e vindas, com motivos bem pessoais e familiares. Ela retorna ao estado de São Paulo, onde se fixou e, inicialmente, não trabalhou a pedido de seu companheiro que acabou por se tornar o provedor da família. Mas com o falecimento do Baiano, Dilma teve de procurar por um emprego para sustentar a família.

[...] “e agora? Vou ter que me virar ne”. Porque não tinha casa própria e tinha que pagar aluguel. Tinha que assumir as crianças. [...] Eu trabalhei, minha filha, trabalhei nove anos e pouco aqui nesta cidade de carteira assinada e tudo. Eu assumi. As crianças foram crescendo também, foram me ajudando também. Nessa época depois, teve sorteio desses terrenos daqui, eu ganhei esse terreno. (SANTOS, 2020, p.3).

Em resumo, a migrante passou por um primeiro processo de adaptação à Indaiatuba, sem muito sucesso, e retornou à Bahia nos primeiros meses e depois novamente ao município paulista. Com o passar dos anos, constituiu relações com o espaço para o qual migrou e, apesar de muitas dificuldades encontradas, como as mencionadas acima, se beneficiou de um projeto habitacional e permaneceu no Jardim Morada do Sol.

Também é possível encontrar as experiências migratórias nas falas de Ana Paulina Simão Moraes, que nasceu e viveu parte de sua infância em Três Pontas - Minas Gerais, mudou-se com a família para o estado do Paraná, em busca de uma vida melhor, pois, nas palavras da entrevistada: “lá [em MG] era muito castigado” (MORAES, 2020, p.4).

A migração vivenciada por Ana, junto à sua família, não se refere, inicialmente, a um tipo fixo: “Daí a gente foi lá pra uma fazenda, perto de Sertanejo [PR]. A família toda. Moramos lá uns tempos e depois fomos lá pra Goioerê [PR] morar no sertão, no meio das onças, daquela bicharada” (MORAES, 2020, p.2). Em 1988, a família se muda para Indaiatuba.

De acordo com seu relato, um de seus irmãos teria migrado primeiro, procurando emprego para se estabelecer na cidade. Após toda a família ter se mudado, dividiram-se entre os bairros Jardim Morada do Sol²⁷ e Parque das Nações.

Aqui se encontram semelhanças com a primeira história narrada, quando se refere aos deslocamentos entre localidades distintas dentro do estado do Paraná. As três histórias se assemelham quando o assunto é que um familiar chega à Indaiatuba antes da(o) própria(o) entrevistada(o). Porém, vale retornar ao que vem sendo tratado aqui: que as perspectivas das migrações são interpretadas, principalmente, de maneira singular.

Na construção teórica de Menezes (2012), acerca dos estudos sobre os processos migratórios, a autora traz o debate sobre os estudiosos da área que criticam a “concepção das migrações como deslocamentos populacionais entre áreas de origem e de destino, que se situa no paradigma histórico-estrutural das migrações” (MENEZES, 2012, p.32).

Sendo assim, observa-se os fenômenos migratórios a partir das

noções que tentam dar conta da heterogeneidade dos migrantes e outros atores envolvidos nos processos migratórios, da intensidade dos movimentos migratórios, das diferenciações dos fluxos, dos espaços e outras dimensões dos processos migratórios (Silva; Menezes, 2006 apud. MENEZES, 2012, p.32-33).

²⁷ No qual a entrevistada reside até o momento da entrevista.

Ao ser questionada sobre a decisão de sair do Paraná para viver em São Paulo, Ana Paulina responde que

lá não estava dando... A gente trabalhava na roça e já não estava dando mais. Financiava e quando a gente acabava de colher e vendia, às vezes a gente ainda ficava devendo pro patrão. A gente tinha que 'caçar' uma melhora, ne?! [...] E veio todo mundo pra cá. Todo mundo, graças à Deus, arrumou serviço (MORAES, 2020, p.2).

A entrevistada não teve vínculo empregatício com indústrias, como poderia se esperar de um conceito tradicional e generalizador de migração rural-urbana, especialmente em se tratando de uma cidade com concentração de fábricas. Em Indaiatuba, Moraes passou a cuidar de crianças.

Observa-se nos dois casos de entrevistas com mulheres uma relação de trabalho não formal. De acordo com Borelli e Matos (2018), as mulheres sempre desempenharam um papel de trabalho. O que acontece, porém, na sociedade patriarcal, é que se atribui o trabalho feminino às funções domésticas, às “funções naturais”, como ser mãe e esposa. As mulheres teriam sido “mais facilmente incorporadas ao mercado laboral quando assumiram ocupações para as quais eram consideradas hábeis ou vocacionadas (fiar, tecer, costurar, cuidar, servir)” (BORELLI; MATOS, 2018, p.127).

Ana, ao relatar que cuidava do filho da vizinha e Dilma, ao ter relatado dois momentos de trabalho formal - um, quando conheceu o Baiano, e outro, quando ele faleceu -, evidenciaram, ainda que inconscientemente, um exemplo da estrutura social.

Isto posto, nota-se que os processos de migração e constituição em um novo espaço podem se diferenciar, não apenas pelo lugar de onde a pessoa se desloca ou vai morar, mas também por questões de gênero.

Em suas “Ideias Inconclusivas²⁸”, Menezes (2012) propõe que

quanto às tipologias, compartilha-se com outros autores a necessidade de questionar as classificações fixas e rígidas, o que exige um esforço teórico e metodológico na compreensão das modalidades migratórias

²⁸ Supõe-se que a autora optou por nomear de "Ideias Inconclusivas" a conclusão de seu texto, compreendendo que esta entende os conceitos de migrações, bem como os estudos acerca deste assunto, como algo aberto a novas interpretações e descobertas.

contemporâneas. Não se está, aqui, propondo o fim das tipologias, mas a necessidade de constantes revisões e ajustamentos a fim de compreender as especificidades de mobilidade de grupos e espaços migratórios (MENEZES, 2012, p.36).

Portanto, interpretar as condições de ir e vir, de se fixar ou não, pode sim dizer respeito ao contexto ao qual a(o) migrante está inserida(o). Porém, é necessário compreender que os esclarecimentos acerca dos processos de deslocamento estão em constante debate e que, cada vez mais, compreendem as subjetividades do sujeito migrante.

3.2 INFRAESTRUTURA E A MEMÓRIA DAS(OS) ANTIGAS(OS) MORADORAS(ES) DO JARDIM MORADA DO SOL

Mais do que compreender os processos migratórios a partir das perspectivas subjetivas, ainda que junto às tipologias generalizantes, é possível visitar a historiografia de um bairro a partir não apenas de uma história oficial, mas também dos vestígios da memória de entrevistadas(os).

Percorrendo brevemente a historiografia do município de Indaiatuba, identifica-se uma cidade com desenvolvimento crescente, principalmente quando se refere ao século XX. Porém, vê-se em falas de entrevistas um certo contraste - para não usar a palavra contradição - quando o assunto é um bairro periférico.

Não se trata aqui de focar em uma crítica social, mas de compreender a partir da fala de antigas(os) moradoras(es) que, apesar de as memórias das(os) entrevistadas(os) encontrarem pontos em comum formando uma memória coletiva, há uma busca da memória individual, quando cada uma(um) apresenta aspectos de seu próprio cotidiano para remontar o passado, evidenciando os tais contrastes escondidos na história.

Para Pollak (1989), as pessoas tendem a defender uma história oficial, criada a partir apenas das memórias coletivas, *enquadradas* e de cima para baixo. Porém,

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das

memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais” (POLLAK, 1989 p.12).

Os limites dessa história oficial, trazida na primeira parte deste trabalho, ficarão evidentes a partir de agora.

3.2.1 Uma cidade desenvolvida (?) e um bairro que *não tinha nada*

Sabe-se que ainda no século XIX, o sistema de abastecimento de água da população indaiatubana era através de chafarizes e poços cavados nos quintais das residências e, posteriormente, através das torneiras públicas instaladas em alguns poucos pontos da região central do município (SCACHETTI, 2001, p.76). Desta forma,

um projeto de captação de água realizado em 1915 foi a primeira obra de engenharia sanitária da cidade [...]. A população usava a água de outra aguada, do chafariz [...] para beber, e a água das torneiras para cozinhar, tomar banho, etc (KOYAMA; CERDAN, 2009, p. 13).

Enfim, nos anos de 1930, a cidade conheceu a água encanada

Nas páginas do projeto 'Abastecimento de Água em Indaiatuba' está relatado que a água encanada foi finalmente inaugurada na área central da cidade em 1937. Para atender a demanda, 400 hidrômetros foram importados da Alemanha (SAAE)²⁹

Porém, com o aumento populacional, foram necessárias outras medidas para atender à demanda que crescia conseqüentemente.

A população foi aumentando e, em 1957, tentando solucionar o problema de falta d'água, o Prefeito Lauro Bueno de Camargo investiu em uma nova mina que possibilitaria atender mais 2.000 ligações (SCACHETTI, 2001, p. 76-77).

Também é do início do século XX a instalação da rede elétrica, que substituiu os lampiões utilizados desde 1887. E, no que se refere à saúde, em 1933 o casal Augusto de Oliveira Camargo e Leonor de Paula Leite Barros Camargo, foi responsável pela iniciativa da construção do Hospital Augusto de Oliveira Camargo,

²⁹ Retirado do site oficial do SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto. Veja mais em: <https://saae.sp.gov.br/historia/>.

e deu suporte financeiro para a construção do prédio do Grupo Escolar (KOYAMA; CERDAN, 2009).

Mesmo que Indaiatuba tenha contado com grandes transformações urbanísticas desde o início do século XX, isso não foi suficiente para acompanhar a crescente ocupação dos espaços.

[...] contando com 56.243 habitantes (IBGE, 1980), o plano diretor de 1968 já não abrangia uma grande parte da cidade que vinha se formando. A aprovação de grandes bairros populares, como é o caso do Jardim Morada do Sol, provocou-se um crescimento sem diretrizes urbanísticas, com poucas opções de acesso ao centro da cidade e locais onde estavam serviços básicos como o comércio, transporte e hospitais. (SANTOS, 20018, p.8)

No final dos anos de 1980, o município recebeu a proposta do projeto de Ruy Otake - Arquiteto e Urbanista - que

propunha o traçado do Parque Ecológico como principal vetor urbanístico para o crescimento futuro da cidade. Esse projeto que iria nortear a expansão urbana de Indaiatuba até os dias atuais, ligou a cidade antiga, hoje na zona norte, à recém criada zona sul da cidade, conhecida como Morada do Sol (KOYAMA; CERDAN, 2009, p. 19).

Apesar dessa ligação entre o bairro periférico e o centro da cidade, o Jardim Morada do Sol, a partir de sua implementação, demonstrou grande falta de infraestrutura, dificultando a vida de quem residia nesta área. Percebe-se essa situação deficitária nas falas de entrevistadas(os), que em repetidos momentos relataram que no bairro “Não tinha nada”³⁰.

[...] quando eu mudei pra Morada do Sol, nós não tínhamos... Não tinha recurso nenhum. Não tinha comércio, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha... Bom, se não tinha luz, não tinha iluminação elétrica, não tinha guia, não tinha sarjeta, **não tinha nada** (FERRARI, 2020, p.6, grifo nosso).

A falta de saneamento básico e infraestrutura fica evidente nas entrevistas, pois repete-se esse problema em falas de pessoas residentes em endereços distintos e distantes, ainda que dentro de um mesmo bairro, como conta Ana: “**Não tinha nada**. A gente não tinha água, a gente não tinha energia, asfalto não tinha. Era puro barro” (MORAES, 2020, p.3, grifo nosso).

³⁰ Essa frase, exatamente assim, aparece pelo menos 15 vezes, se juntarmos as três entrevistas, quando perguntadas(os) sobre comércios, postos de saúde, hospitais, creches e escolas, asfalto etc.

As memórias das(os) entrevistadas(os) apresentam pontos convergentes. Em Halbwachs, a memória individual seria beneficiada pela memória coletiva quando a segunda concorda com a primeira e que “haja suficientes pontos entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (Halbwachs, apud POLLAK, 1989, p.4). Assim, não foi apenas nas duas entrevistas acima que o comum se fez presente. Da primeira à última é notável esse discurso.

Não tinha nada, era tudo mato. Tudo mato, minha filha. Você vê, tem quarenta e um anos que eu moro, vai fazer agora, que eu moro aqui. **Não tinha nada** (SANTOS, 2020, p.5, grifo nosso).

Dilma Alves, que reside no bairro desde 1977, conta que ao chegar no Jardim Morada do Sol encontrou um lugar com pouca infraestrutura. Apesar da rede de água encanada ter sido instalada, como dito anteriormente, nos anos de 1930, no município, a distribuição deste recurso não foi implementada de forma eficiente na construção do bairro aqui estudado. E, segundo as(os) moradoras(es), havia uma falta de abastecimento, principalmente de acordo com a localização das casas:

Água chegava de madrugada. Eu ia trabalhar e nós nem dormíamos, porque nós tínhamos que ficar acordado até três/quatro horas da manhã. Era a hora que a água chegava e a gente enchia as vasilhas, porque não tinha água. Tinha um hidrômetro, mas a água não chegava nem aqui, chegava nessa rua de trás. Nós íamos pegar a água, trazia a água de lá pra cá (SANTOS, 2020, p.4)

Ana Paulina, que se mudou mais de uma década depois de Dilma, para o Jardim Morada do Sol, relata o mesmo tipo de problema

É, a gente buscava em torneira. Era muita gente, a água acabava e o caminhão pipa vinha trazer. Só via gente em cima das casas enchendo a caixa de água com os baldes [...] É e o caminhão passava na rua de casa. Tinha vez que nós íamos até lá perto do Cristo [estátua na Av. Ário Barnabé], na caixa d'água e brigava, com panela, com balde, batendo, mas que... eles não atendiam nada. [risos] Tinha vez que chegava do serviço não tinha água pra tomar banho. Dormia sem tomar banho. Tinha vez de ficar a noite inteira pegando água de pouquinho pra encher a caixa. (MORAES, 2020, p.4).

E ainda recorda de um momento, quando cuidava do filho da vizinha, que hoje lhe traz graça: “Teve vez de eu pegar água na geladeira e esquentar pra poder dar banho nele... meio banho [gargalhada]” (MORAES, 2020, p.5).

Na fala de Pedro Ferrari também podemos perceber a escassez do abastecimento de água, mas relata que esse problema foi sofrido por moradoras(es) de outras regiões desse extenso bairro.

Quando eu mudei pra Morada do Sol, já tinha água, não tinha outras benfeitorias, mas a água já existia, então eu não peguei... Agora nós tivemos sérios problemas de abastecimento de água aqui no decorrer do tempo, aqui no período pós, digamos assim, de [dos anos] 80, de 85 pra frente, nós tivemos falta de água constante aqui. Além de não ter tratamento suficiente, não tinha captação e tratamento suficiente, também não tinha reservatório suficiente, então nós não tínhamos água. As pessoas na parte mais alta do bairro vivia sem água, às vezes dois, três dias. Aí chegou a acontecer carro-pipa. Eu nunca tive esse problema, como eu moro na parte mais baixa, sempre chegava água. E tinha um outro problema, porque as pessoas também... Os recursos eram escassos, e nem todas as pessoas tinham disponibilidade de ter um reservatório de água em casa, então a maioria das casas funcionavam com água direto da rua. Isto era um outro problema. E às vezes até tinham o reservatório, mas a água não chegava pra encher o reservatório (FERRARI, 2020, p.17).

É notável que, apesar de as memórias das(os) entrevistadas(os) encontrarem pontos em comum formando uma memória coletiva, há uma busca da memória individual, quando cada uma(um) apresenta aspectos de seu próprio cotidiano para remontar o passado.

Compreende-se, como defendido por Pollak (1989), que há coletividades de tamanhos diferentes e que elas podem ser construídas por memórias individuais que podem contrariar ou causar uma tensão no que se tem como história oficial.

De acordo com as memórias de Pedro, algumas soluções foram buscadas no município para tentar resolver a questão da água

Aqui na Morada do Sol foi tentado por várias vezes perfuração, mas não produz. Não tem água suficiente. Um poço artesiano com 300, 400 metros é pra dar água e não dá. Não dá, não tem, não produz. O subsolo de Indaiatuba é muito pobre de água (FERRARI, 2020, p.17).

Além da questão da água, outros serviços básicos como luz elétrica, saúde, asfalto e transporte aparecem como escassos nas falas das(os) entrevistadas(os).

Mas, quando eu vim pra Morada do Sol, isso daqui não tinha nada, tinha acho que umas 40, 50 casas e tudo escuro, a gente usava um rabicho que vinha do... Um rabichinho assim que com uma lampadazinha pendurada que vinha lá da sede da fazenda, do transformador. Mas também não chegava nada, porque é muito distante e a carga era, a carga do transformador era baixa, então chegava com muita dificuldade. Era só pra clarear algumas casas (FERRARI, 2020, p.6).

Observa-se, posteriormente, na fala deste entrevistado, que ele deduz ser por falta de consumidores que a empresa de rede elétrica não tratou de abastecer logo todo o bairro, sendo mais lucrativo manter apenas as regiões de densidade populacional.

Eles [a empresa de energia Eletropaulo] tinham o interesse de distribuir a rede porque tinha consumidores. O comércio chega onde tem gente, onde não tem gente, não tem comércio, ne?! Então eles instalaram. Mas tinha o problema noturno. Aqui era um bairro escuro, um bairro [inaudível] escuro completamente, aí veio a luta da iluminação pública, que também não foi pro bairro inteiro. População mais densa, que é dessa região aqui até a Rua 10 [atual Rua João Walsh Costa] (FERRARI, 2020, p.14).

Dilma, apesar de ser moradora dessa região mais densa, vivenciou o período de escuridão do bairro.

E à noite, as crianças queriam ficar brincando no campo ali e eu não deixava, porque era tudo escuro. [...] Quando começava a escurecer, não tinha energia, você tinha que acender vela (SANTOS, 2020, p.5).

Isto posto, entende-se que as memórias de um mesmo grupo também pode divergir, a partir do momento em que se questiona individualmente sobre as experiências de cada uma(um). Percebe-se que cada entrevistada(o) lembra de sua experiência de uma maneira muito particular.

Nas falas de Ana Paulina, Pedro Ferrari e Dilma Alves, pode-se observar as dificuldades de um período em que o sistema de saúde³¹ não era acessível àquelas(es) que viviam à margem da sociedade.

Na questão sobre onde encontravam atendimento médico mais próximo, como resposta tem-se que “posto de saúde não tinha não [...] Tinha que ir lá embaixo, lá perto da Igreja Santo Antônio [marginal do Parque Ecológico]” (MORAES, 2020, p.6)³². Trata-se de um local a pouco mais de um quilômetro de distância da casa de Ana. Dilma também se recorda sobre não ter nenhum posto de saúde nas proximidades de sua casa.

³¹ O SUS só foi implementado através da Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, garantido pela Constituição de 1988, ou seja, dez anos após a implementação do bairro.

³² Ana se mudou para o bairro em 1988, sendo assim, sua fala remete ao Jardim Morada do Sol concluído já após sua primeira década e com a disponibilidade de saúde pública assegurada pela Lei.

Já Pedro, considerou necessário comentar um pouco mais sobre a dificuldade de se conseguir atendimento médico, morando em um bairro periférico da cidade e tendo de lidar com as “espertezas” de outros indivíduos. Sua residência fica próxima ao posto de saúde mencionado anteriormente, pelas entrevistadas. Mas antes de sua implementação, no Jardim Morada do Sol, os atendimentos eram realizados no centro da cidade.

Atendimento médico era só o Hospital Augusto de Oliveira Camargo, só que aí existia um problema, porque naquele tempo também não tinha SUS. Era Inamps. Pra você conseguir uma consulta, você tinha que ir pra fila do Inamps de madrugada e pegar uma autorização pra ir pra consulta. Tinha gente que vivia de fila. Ele ia lá e guardava quatro ou cinco lugares e vendia o lugar na fila. Tem umas histórias assim. [...] Mas saúde era só o HC [HAOC] e um posto de saúde ali na 13 de Maio [Rua no Centro da cidade], onde hoje é a sede do SAAE [Serviço Autônomo de Água e Esgoto]. Ali tinha um posto de saúde, que era o posto de saúde central. Era o único (FERRARI, 2020, p.7).

O Jardim Morada do Sol, com alguns quilômetros de distância do centro da cidade, ficou desassistido no quesito saúde e, para quem não tinha condução própria ou condições de andar a pé, o transporte público³³ era uma solução³⁴. O ônibus circular enfrentou alguns problemas de locomoção para atender as necessidades da população dessa região periférica. O bairro ainda sem asfalto e dividido pelo Córrego Barnabé, fazia ligação entre um lado e o outro através de uma ponte de madeira, como aparece na fala de um entrevistado.

Ônibus começou a vir a cada duas horas e parava do outro lado da rua, lá na Rua 5 [atual Rua José da Silva Maciel]. [...] A Rua 5 era a passagem que tinha na época e fazia ligação de um lado do bairro pro outro. Ainda era uma ponte de madeira, que era utilizada ainda na época da fazenda. [...] Então o acesso que a gente tinha de um lado pro outro, quando você fala em asfalto, isso vem bem depois (FERRARI, 2020, p.5).

A falta de asfalto aparece como um detalhe bem importante na memória das(os) entrevistadas(os). O barro, que formava quando chovia, foi uma dificuldade

³³ Não foi encontrada a data do início do transporte público na cidade de Indaiatuba. Nas entrevistas, podemos observar que se refere a um período mais recente à implementação do Jardim Morada do Sol.

³⁴ Aparece na fala do entrevistado Pedro Ferrari a lembrança de Indaiatuba como *A cidade das bicicletas*: “A Morada do Sol tinha um veículo, tinha um carro, tinha um fusca. Pra ver como que era completamente diferente a situação de quando a gente veio pra cá.[...] Era tudo à base de bicicleta. O pessoal trabalhava na Yanmar, na Cobreq, pra você vê, que fica do outro lado da cidade” (FERRARI, 2020, p. 6).

para a mobilidade de quem quer que fosse trabalhar, estudar, se locomover em geral.

Tinha a turma que ia trabalhar, quando estava chovendo, amarrava a sacolinha no pé pra ir até aqui no ponto, aqui pra baixo de casa. [...] [fica de frente onde hoje é o "Postinho da Mulher" - UBS (Unidade Básica de Saúde) - e próximo à Escola Estadual Antônio de Pádua] [...] E tirava a sacolinha do pé pra poder entrar no circular [ônibus], porque só era barro (MORAES, 2020, p.4)

Assim como muitos outros pontos trazidos neste trabalho, o barro ficou marcado como parte dessa memória coletiva.

Quando chovia, minha filha, era um barro. Na minha carteira eu sou passadeira industrial e eu tinha que ir de tênis todo dia³⁵. E pra eu atravessar esse barro? Todo dia eu tinha que vestir, quando tava chovendo, enfiava o tênis dentro de uma sacola, amarrava. Você sabe onde é o Sesi? [fica na Avenida Francisco de Paula Leite] [...] Até lá, minha filha, nós íamos... eu ia até lá no Sesi, com o tênis dentro da sacola (ALVES, 2020, p.4).

Analisando as respostas das(os) entrevistadas(os), é possível notar que os processos de saneamento e estrutura básica do Jardim Morada do Sol se deram de maneira lenta. Para ter acesso às condições necessárias para a qualidade de vida, foi fundamental a organização das reivindicações.

Agora, o início de tudo isso não foi fácil. Como eu te disse que nós não tínhamos nada de benefício, de infraestrutura no bairro. Pra conseguir isso, foi através de luta, de organização de bairro. Organização mesmo das pessoas do bairro. Tanto é que a Associação 12 de Junho³⁶ que hoje é um clube, ela não tinha esse objetivo. Ela nasceu na época com o objetivo de reivindicação do bairro. [...] A questão da luz, a questão das vias e sarjetas, a questão da iluminação pública, a questão do asfalto, isso tudo veio através de pressão popular, não veio pura e simplesmente por espontaneidade das administrações. Eu participei, eu encabecei muitos movimentos (FERRARI, 2020, p.9).

Ana Paulina e Dilma Alves não tratam em suas entrevistas sobre tais reivindicações. Tal processo aparece na fala de Pedro Ferrari, que se tornou um político no município. Porém, fica evidente que as transformações realizadas no

³⁵ De acordo com sua entrevista, quando Dilma mudou-se para o Jardim Morada do Sol, ainda não havia o transporte público, tendo que ir aos lugares a pé.

³⁶ Por mais que se entenda a necessidade de se pesquisar a documentação do Clube 12 de Junho, para compreender as lutas das quais este e seus associados participaram, isso não foi possível devido ao período de pandemia da COVID-19 e o fato de as atividades do clube terem sido cessadas temporariamente.

bairro impactaram a todas e todos que expuseram suas memórias a este trabalho, mesmo que de forma subjetiva.

Mas depois foi melhorando, foi aparecendo os mercados, alguma coisa, mas foi melhorando. Mas agora não, agora está bom. Agora eu não troco aqui por lugar nenhum [INAUDÍVEL] Não troco por lugar nenhum. Ai a minha irmã me disse assim "ah, mas você não vem embora pra cá [na Bahia]?" e eu digo "mas nunca, venho nada, acostumei tanto naquela cidade [de Indaiatuba]" [risos]. Adorei essa cidade aqui (SANTOS, 2020, p.11)

Resumidamente, Ana diz "Hoje nós podemos falar que nós somos ricos, nós temos água, nós temos luz, nós temos asfalto, carro pra andar pra baixo, pra cima [...] Melhorou, em vista está bem melhor. Aqui no bairro também melhorou muito" (MORAES, 2020, p.5-8).

Pedro, vê o bairro como uma cidade dentro de outra.

Porque assim, hoje a gente vê esse bairro, que é uma cidade, digamos assim, tem vida própria, tem bons supermercados, tem uma rede de saúde razoável, além da saúde pública que tem, tem algumas clínicas, tem bancos, tem, digamos, vida própria mesmo, tem postos de abastecimento, enfim, é uma cidade, uma cidade (FERRARI, 2020, p.9).

A intenção aqui não é trazer à tona apenas a ênfase no desenvolvimento, até porque ainda existem problemas a serem solucionados. Caberia fazer um novo trabalho para tratar desse assunto. O que se intencionou aqui, foi expor as perspectivas de pessoas que vivenciaram momentos de dificuldades em um bairro periférico, e que traçaram um paralelo entre o que se tinha e as melhorias que foram feitas ou exigidas da administração municipal. Elas são a memória de Indaiatuba e, sobretudo, do Jardim Morada do Sol.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde quando era apenas uma vila pertencente à Itu ou até os anos de 1950, quando já era um município independente, Indaiatuba aparece na historiografia oficial com sua densidade populacional pouco modificada. Ainda que para alguns momentos, o aumento do número de habitantes fosse quase que significativo, levando em conta a estrutura urbana, nada se compara ao *boom* ocorrido na segunda metade do século XX.

Entre os anos de 1960 e 1980, Indaiatuba lidou com diversas mudanças na estrutura urbana, arquitetônica e econômica. Ocorreram políticas municipais de atração de indústrias, ao mesmo tempo em que políticas federais e estaduais de desconcentração das indústrias afetavam a capital paulista. Não se avançou na resposta acerca do porquê Indaiatuba, que em 1950 tinha cerca de 11 mil habitantes, foi uma das centenas de cidades do interior paulista escolhida para receber tantas empresas, nem quais as políticas de atração utilizadas por Indaiatuba para convencer as empresas a escolherem ela e não outras cidades. Mas pudemos compreender que com a chegada dessas indústrias, o aumento de empregos gerou novas possibilidades de subsistência para quem já não encontrava alternativas em meio às dificuldades, como por exemplo a crise do café, no Paraná.

Isto posto, entendemos que a grande possibilidade de trabalho formal no município, foi um dos motivadores de atração de trabalhadoras e trabalhadores para residir em Indaiatuba. Porém, não devemos definir os empregos como único atrativo de imigrantes, mas voltaremos a falar disso mais adiante.

Percebe-se que com o aumento populacional o município paulista precisou se reorganizar urbanisticamente. Os projetos de urbanização seriam de grande importância para garantir uma estrutura eficiente para a população indaiatubana que cresceu de maneira exorbitante, mas não garantiram, já que cada vez que um Plano Diretor ou uma Lei de Perímetro Urbano eram lançados, é porque os anteriores já estavam ultrapassados e não atendiam a demanda.

Podemos perceber essa deficiência estrutural urbana no Jardim Morada do Sol que, já recebia moradoras(es), no final dos anos de 1970. O que encontramos sobre este bairro, foram relatos sobre a falta de distribuição adequada dos recursos

necessários para a subsistência da população e, mesmo quando o comércio chegava e as reivindicações populares garantiam melhorias, isso ocorria, sobretudo, nas regiões de habitação mais densas, ou seja, próximo a Avenida Ário Barnabé.

O centro da cidade, que fica a cerca de 6km do Jardim Morada do Sol, exerceu seu - nada justo - papel de centralização das atividades, sendo o ponto de busca dos serviços básicos que não eram fornecidos nas regiões periféricas, como por exemplo, o hospital, que só teve seu acesso facilitado a partir do Projeto de Ruy Otake, no final dos anos 1980, ligando o bairro ao centro através do Parque Ecológico. Anos mais tarde, é implementado um mini-hospital no bairro.

Ainda foi observado que nas moradias havia a falta de abastecimento de água, que era, muitas vezes, adquirida através de caminhão-pipa ou transportada pelas(os) próprias(os) moradoras(es), das grandes caixas d'água de escolas próximas ou do reservatório do bairro, na Avenida principal, até suas casas, com o uso de baldes e panelas. A falta de energia elétrica dificultava a garantia da segurança de quem trabalhava até tarde ou de quem pretendia aproveitar os espaços públicos de lazer, como as praças, durante a noite. Para piorar, o barro se fazia presente em meio às chuvas nas ruas sem asfalto, o que transformava um simples ato de se locomover em um momento de preocupação.

Mesmo sendo o bairro que “**não tinha nada**”, ele foi escolhido por muitas(os) migrantes como lugar de moradia, vindo a se tornar, mais tarde, o mais populoso do município. Mas por que o Jardim Morada do Sol foi escolhido por migrantes para viver em Indaiatuba, mesmo com tantas dificuldades encontradas ali? Por que não a região central, que já tinha uma estrutura adequada? Apenas em uma das entrevistas isso evidentemente apareceu, sendo o baixo custo dos terrenos a causa dessa escolha. Assim, o bairro se apresentou como uma possibilidade para as pessoas que fugiam de uma situação de vida precária e estavam em busca de melhorias.

Além deste bairro, outro como o Parque das Nações também foi escolhido como moradia por familiares de quem respondeu às entrevistas. Mas este trabalho manteve seu foco apenas no Jardim Morada do Sol.

Apesar de não ter obtido uma resposta tão objetiva do porquê de pessoas de outros estados escolherem o Jardim Morada do Sol, num município do interior

paulista, para viver, pudemos compreender que existe uma complexidade nos processos migratórios que deve ser levada em conta para a constituição histórica.

Neste sentido, evidenciar um contexto de crise que leva a migração não é suficiente e, entendemos que o uso da história oral foi fundamental para que pudéssemos observar que, mais do que um contexto que afetava muitas pessoas de forma generalizada, pudéssemos compreender que existem fatores subjetivos para a decisão de se fazer uma migração, bem como de que forma ela é organizada e planejada.

Cada uma(um) das(os) entrevistadas(os), dadas também as condições impostas pela pandemia, se apresentou de uma forma diferente durante as entrevistas. Cada história teve uma tonalidade na voz, ao ser relatada. Cada mudança foi rememorada com sentimentos bem particulares. Por isso, a escolha de se analisar as histórias de forma subjetiva foi de grande importância, pois cada uma pôde reconstruir a história *enquadrada*.

Na historiografia, é possível verificar que Indaiatuba não esteve fora dos processos migratórios generalizantes que ocorreram na história do Brasil, como a imigração europeia do final do século XIX e início do XX, assim como nos processos rurais-urbanos e Nordeste-São Paulo no final do século XX. Mas com este trabalho ficou evidente o quanto as histórias se diferenciam quando analisadas de maneira particular.

Um outro momento que nos chama a atenção e, por isso, poderia ter ganhado mais destaque, é quando se torna perceptível a distinção no discurso de mulheres e homens sobre seus processos de migração. Tendo elas destacado a dinâmica da vida privada e ele a questão da vida pública. Outros aspectos de gênero evidentes foram o local de trabalho, sendo o delas o informal/em casa - pelo menos num período de divisão da casa com o cônjuge - e o dele formal/em indústrias. A forma como as reivindicações por saneamento básico se deram, também nos chamam à atenção: uma das mulheres apresenta uma postura perante a preocupação com o lar e o cuidado com a família, como por exemplo na hora de exigir água gritando e batendo nas panelas e baldes, ou quando esquenta a água da geladeira para dar banho numa criança; já ele se mostra como político organizado coletivamente através de instituições comunitárias e políticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Adriana Corrêa. O migrante paranaense em Indaiatuba: um estudo sobre o processo migratório e suas implicações. 1997. 92 p. Relatório final CNPq/PIBIC - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997. Disponível: Arquivo Público de Indaiatuba. Acesso em: jul. 2019.
- ALVES, Adriana Corrêa. **Qualidade de vida e processos sócio-ambientais em Indaiatuba - SP**: estudo de caso do bairro Jardim Morada do Sol. 2003. 130 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95653>>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20. **SciELO**: São Paulo Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 84-96, set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA. **Lei Ordinária nº 1723**, de 05 de setembro de 1979. Dispõe sobre delimitação do perímetro do distrito industrial do município de Indaiatuba. Disponível em: <https://sapl.indaiatuba.sp.leg.br/consultas/norma_juridica/norma_juridica_mostrar_proc?cod_norma=330>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DEZEN-KEMPTER, Eloisa; ANHAIA, Juliana Camargo; TERRA, Luan De Oliveira. Questões de localização e conectividade na avaliação de qualidade urbana em empreendimentos de habitação de interesse social em Indaiatuba. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas v. 6, n. 3, p. 155-168. 30 set. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/parc.v6i3.8635020>>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- KOYAMA, Adriana Carvalho; CERDAN, Marcelo Alves. **Indaiatuba**: esboço de uma história. Indaiatuba, [19], 2009. Disponível em: <https://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/historia_indaiatuba.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. História Oral na sala de aula. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.

MATOS, Julia; SENNA, Adriana. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiae*. Rio Grande/RS, v. 2, n.1, p. 95-107.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos. *In*: BAENINGER, Rosana; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; TEIXEIRA, Paulo Eduardo (org.). **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

OLIVEIRA, Marinês Barbosa de. **Os trabalhadores do Jardim Morada do Sol**: cotidiano, memória social e representações do período de ditadura militar no Brasil. 1996. 45 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: Arquivo Público de Indaiatuba. Acesso em: jul. 2019.

OTERO, Estevam Vanale. As Cidades Médias do Interior Paulista no Processo de Desconcentração Industrial e Interiorização do Desenvolvimento após 1970. Monografia final da disciplina AUP 5840 do Curso de Pós-Graduação da FAU-USP, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE INDAIATUBA. **Etapa 2**: Diagnóstico Municipal. Disponível em: <<https://www.indaiatuba.sp.gov.br/engenharia/plano-diretor/etapa/2/>>. Acesso em: abril de 2020.

SAAE. **História**. Disponível em: <<https://saae.sp.gov.br/historia/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SANTOS, Ingrid Rosa dos. Transformação urbana - Estudo de caso de Indaiatuba/SP. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 18, [2018?], [S. l.]. **Anais do Conic-Semesp**, v.6, [S. l.]: UNIP, [2018?], [11]. Disponível em: <<https://www.conic-semesp.org.br/anais/anais-conic.php?ano=2018&idautor=43137302811&act=pesquisar>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SANTOS, Patrícia Torres dos. Minha Morada. *In*: FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE INDAIATUBA. **Um olhar sobre Indaiatuba**. Itu: Ottoni Editora, 2008.

SCACHETTI, Ana Lúcia. **O Ofício de Compartilhar Histórias**: história e memória de Indaiatuba sob a perspectiva de uma periodista. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2001.

ZUCCHERELLI, Moara. **A “Rota dos Tropeiros” – Projeto Turístico na Região dos Campos Gerais**: um olhar antropológico. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado em antropologia social) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/15962/ROTA;jsessionid=DBB19A273961C2E1D0E2953E63794A5D?sequence=1>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ENTREVISTAS

FERRARI, Pedro. Entrevistadora: Tatiane Rocha Dias. Erechim: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, 2020.

MORAES, Ana Paulina Simão. Entrevistadora: Tatiane Rocha Dias. Erechim: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, 2020.

SANTOS, Dilma Alves. Entrevistadora: Tatiane Rocha Dias. Erechim: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, 2020.